

"Virgínia e Adelaide", dirigido por Jorge Furtado e Yasmin Thayná, traz para as telas a história das mulheres que revolucionaram a psicanálise no Brasil. O longa explora a vida de Adelaide Koch e Virgínia Leone Bicudo, pioneiras do campo, em uma narrativa que combina ficção e documentos históricos para retratar suas trajetórias de coragem e resistência. A produção é da Casa de Cinema de Porto Alegre, com coprodução da Globo Filmes e GloboNews, e distribuição da H2O Films.

Situado na década de 1930, o filme começa com a chegada de Adelaide, interpretada por Sophie Charlotte, ao Brasil, fugindo da perseguição nazista na Alemanha. Logo, ela conhece Virgínia, vivida por Gabriela Correa, uma jovem pesquisadora negra que se tornaria sua primeira paciente e, posteriormente, a primeira psicanalista brasileira. Juntas, elas enfrentam os desafios impostos por uma sociedade marcada pelo preconceito racial e de gênero, enquanto constroem uma sólida base para a psicanálise no país, abrindo portas para gerações futuras de estudiosos.

Com uma abordagem intimista, o filme se destaca pela riqueza das performances de Sophie Charlotte e Gabriela Correa, que mergulharam profundamente na pesquisa sobre as personagens para dar vida às complexas jornadas de suas protagonistas. O roteiro valoriza não apenas a colaboração entre Adelaide e Virgínia, mas também a importância de recuperar suas histórias, por vezes negligenciadas ao longo dos anos, mostrando o impacto silencioso de suas conquistas em uma sociedade ainda conservadora e excludente.

A direção compartilhada entre Furtado, cineasta consagrado com 40 anos de carreira, e Thayná, jovem diretora que estreia em longas-metragens, confere ao filme uma combinação única de experiência e inovação. "Virgínia e Adelaide" vai além de uma simples biografia. Ele explora temas como identidade, racismo, e o papel das mulheres nas ciências, propondo uma reflexão sobre a invisibilidade feminina e o apagamento histórico das contribuições de mulheres negras no Brasil.

O longa, que teve sua estreia mundial durante o Festival de Gramado, estará em breve nos cinemas brasileiros. Além de resgatar figuras históricas de grande relevância, o filme abre espaço para um diálogo necessário sobre o legado dessas pioneiras, cuja contribuição para a psicanálise e a sociedade merece ser amplamente reconhecida. A produção promete tocar o público com sua sensibilidade e relevância, levantando discussões que ultrapassam o campo da psicanálise e ressoam nas lutas sociais e políticas atuais.

Sinopse

Virgínia Bicudo, mulher negra, professora universitária e pioneira dos estudos sobre racismo no Brasil, torna-se a primeira paciente de Adelaide Koch, mulher judia, médica e psicanalista, que se muda para São Paulo em fuga da Alemanha nazista. Juntas, participam da fundação da psicanálise no país, abrindo espaço para as que vieram depois.

Ficha técnica

Produção: Casa de Cinema de Porto Alegre

Coprodução: Globo Filmes e GloboNews

Distribuição: H2O Films

Produtora executiva: Nora Goulart
Direção: Yasmin Thayná e Jorge Furtado
Roteiro: Jorge Furtado (com colaboração de Yasmin Thayná)
Elenco: Gabriela Correa e Sophie Charlotte
Direção de Fotografia: Livia Pasqual
Direção de Arte: Vanessa Rodrigues e Richard Tavares
Trilha sonora original: Maurício Nader
Montagem: Giba Assis Brasil e Jonatas Rubert
Desenho de som: Kiko Ferraz e Ricardo Costa

Sobre Jorge Furtado | Diretor

Jorge Furtado é cineasta brasileiro, cofundador da Casa de Cinema de Porto Alegre e roteirista da TV Globo. Dirigiu diversos curtas como “O Dia em que Dorival Encarou a Guarda”, “Barbosa” e “Ilha das Flores”. Seus principais longas-metragens são “O Homem que copiava”, “Saneamento Básico, o filme”, “Lisbela e o Prisioneiro” (roteirista), “Meu Tio Matou um Cara”, “Rasga Coração” e “Grande Sertão” (roteirista), e os documentários “Mercado de Notícias” e “Quem é Primavera das Neves”. Na televisão, dirigiu e escreveu séries como “Comédias da Vida Privada”, “Cidade dos Homens”, “Mister Brau”, “Ó Paí, Ó”, “Doce de Mãe” e “Sob Pressão”.

1. O que motivou vocês a contar a história de Virginia Bicudo e Adelaide Koch?

O que me motivou a contar esta história foi a constatação da potência de um encontro. Virgínia e Adelaide foram duas mulheres extraordinárias, com histórias de vida muito diferentes. As duas acreditavam na ciência, enfrentaram o racismo de suas sociedades, e se encontraram no exato momento em que o Brasil, depois de um auto-golpe, tornava-se uma ditadura flertando com o nazifascismo. Virgínia e Adelaide, unidas por uma grande amizade, construíram algo de bom, juntas. Me pareceu uma ótima história, e importante de ser contada.

2. Quais foram as maiores dificuldades na imersão e pesquisa para escrever o roteiro?

Bom, na verdade, a maior dificuldade em uma pesquisa é sempre o tempo, porque existe muito material, muita coisa. É interminável; você tem que selecionar, né? Eu comecei a trabalhar em 2019, foi quando comecei a ler os livros e os trabalhos da Virgínia. Mas aí se abre um caminho, vários caminhos se abrem na pesquisa, e uma coisa leva a outra. Então, você tem que escolher que bifurcações vai seguir, assim... para que lado você vai em cada

bifurcação. Você pode ir para um lado da história, para o outro, e vai construindo caminhos. Às vezes, você volta para essas trilhas e refaz anotações de direção, né?

Mas o trabalho é infundável. Na verdade, essa é a parte que eu mais gosto: a pesquisa. Porque tem de tudo, e muita coisa acaba ficando de fora, porque são vidas incríveis, tanto a da Virgínia como a da Adelaide. Ambas fizeram muitos trabalhos acadêmicos e trabalhos práticos, e há muitas histórias, né? Então, o filme é um recorte do encontro delas em 1937 até a volta da Virgínia de Londres, no final da década de 50. Mas, pensa que, a partir daí, dos anos 60, elas

ainda conviveram e trabalharam juntas por mais de 30 anos, né? Então, sempre é preciso escolher o que incluir, né?

3. Como foi trabalhar com Yasmin Thayná na co-direção do filme?

Foi um aprendizado muito importante para mim, né? Eu não faria esse filme sem ela e, se fizesse, não seria o mesmo filme, por muitos motivos, né? Nosso filme é a história de uma mulher brasileira negra que enfrentou o preconceito e se recusou a seguir os padrões impostos a ela pela sociedade. E, por isso, eu teria que fazer esse filme, necessariamente, entendendo como uma parceira, uma diretora, uma mulher negra. Eu convidei a Yasmin para trabalhar no filme porque conhecia o trabalho dela de outros curtas, como o "Fartura", o "Cadela" e, enfim, trabalhos de séries que ela fazia. Eu já a conhecia pessoalmente também.

Ela fez vários trabalhos, e eu sempre a achei uma diretora muito sensível e criativa. Ela tem uma alegria no trabalho que acho importante também. Eu a convidei, ela aceitou, leu o roteiro, e já na primeira leitura, no estágio em que o roteiro estava no momento do convite, ela chegou com muitas sugestões e ideias que transformaram completamente o filme e o roteiro. Enfim, ela é uma jovem supercriativa, e foi ótimo trabalhar com ela. Eu me senti muito renovado no set de trabalho.

4. Houve algum aspecto da história que foi particularmente desafiador de abordar ou retratar no filme?

Sim, para mim, um aspecto foi mais uma aposta que deu certo, na verdade, que é o seguinte: eu tinha bastante noção da admiração que a Virgínia tinha pela Adelaide, a partir de muitos depoimentos dela, da Virgínia, né? Escritos sobre a Adelaide, descrevendo o encontro, entrevistas que ela deu sobre como a Adelaide foi importante na vida dela, como se tornaram grandes amigas e parceiras. A visão que a Virgínia tinha da Adelaide estava bastante documentada, mas eu não sabia absolutamente nada sobre a visão que a Adelaide tinha da Virgínia. Eu não sabia o que a Adelaide pensava sobre a Virgínia. Não sabia quando comecei a escrever o roteiro.

Mesmo quando a gente já estava trabalhando no filme, com o roteiro já bem avançado, pronto para filmar, a visão que a Adelaide tinha da Virgínia ainda era bastante ficcional. Foi uma intuição minha incluir certas coisas no filme, né? Quando surgiram as cartas da Adelaide para a Virgínia, que estão no acervo da Sociedade Brasileira de Psicanálise em São Paulo, a gente teve acesso a essas cartas, e aí ficou muito claro que havia uma profunda admiração que a Adelaide tinha pela Virgínia. Mais do que isso, uma grande amizade e um afeto profundo. Ela dizia que a Virgínia era sua melhor amiga; Adelaide se referia à Virgínia como sua melhor amiga, confidente, a única pessoa com quem ela podia se abrir e se expor. Enfim, são cartas muito bonitas e bem escritas.

Isso transformou o filme, ou pelo menos deu uma nova direção, porque o que antes era suposição e ficção passou a ser documentado pelas cartas. Então, isso foi uma coisa importante que aconteceu no processo de realização do filme, quase na sua fase final. Outra coisa que acho marcante também é o caráter sociológico do trabalho. A contribuição da Virgínia na sociologia, no trabalho dela de pesquisa de campo, foi talvez a primeira a deixar claro a existência do racismo no Brasil. Seus orientadores, Florestan Fernandes e Pierson,

acreditavam que o preconceito no Brasil era de classe, mas não de raça; que era um preconceito contra a pobreza, a desigualdade social.

A Virgínia, no seu trabalho, chegou à conclusão de que havia os dois: que havia também bastante preconceito racial no Brasil. Então, ela tem essa importância. E tem um outro aspecto importantíssimo também, que eu acho que o filme, de alguma maneira, aborda: ela foi uma grande comunicadora. Criou um programa de rádio importante e muito original. Então, são vários aspectos que surgiram durante a pesquisa e a realização do filme.

Sobre Yasmin Thayná | Diretora

Yasmin Thayná é diretora e roteirista de filmes, clipes e séries. Dirigiu os curtas “Kbela”, prêmio de melhor curta-metragem pela Academia Africana de Cinema, “Fartura” e “A vida é urgente”. Criou e dirigiu as séries “Afrotranscendence” e “pretalab”. Codirigiu as séries “Amar é para os fortes” e “Toda família tem”. Yasmin apresenta um programa sobre cinema no Canal Futura, é pesquisadora, professora e conferencista. Foi considerada pela revista Forbes como um dos 90 nomes brasileiros abaixo de 30 anos mais brilhantes em sua área de atuação e pela revista Wired uma das 50 pessoas que transformam a criatividade no Brasil. “Virgínia e Adelaide” é o seu primeiro longa-metragem.

1. O que mais lhe atraiu na história de Virgínia e Adelaide e como você trouxe isso para o filme?

A primeira coisa que li da pesquisa sobre a vida delas foi a publicação do trabalho da Virgínia sobre como pessoas negras se percebiam. Isso anos 40. Um assunto extremamente relevante e muito presente nos debates públicos atuais. Tanto Virgínia quanto a Adelaide trabalharam assuntos de muito interesse e tentaram popularizar a psicanálise, elas tinham plena consciência do quão era importante esse aspecto de saúde pública. No filme trabalhamos isso com as personagens, elas tinham um amor profundo pelo viver.

2. A tese "Os segredos de Virgínia", da professora Janaína Damasceno, tiveram um impacto na sua visão das personagens? Como esse conceito de "segredo" apresentado por ela na obra influenciou sua abordagem na direção do filme?

O trabalho da doutora Janaína Damasceno é muito importante. O nome "os segredos de Virgínia" é muito intrigante e acho que só uma mulher negra poderia dar este nome a esse trabalho. É uma síntese de algo muito profundo sobre a subjetividade e trajetória de uma mulher negra. A Virgínia convivia com a elite brasileira e, no entanto, em algum aspecto, ela foi mantida em segredo, o seu trabalho, tudo que moveu. E a sua negritude também, de certa forma. O filme é um gesto de tornar público o que foi segredo. Segredo não para Virgínia porque ela tinha muita consciência. Não à toa produziu o que produziu. Nos registros fotográficos da Virgínia, a maioria deles, ela está sorrindo gargalhando. Eu sou fissurada por este gesto da gargalhada. Essa gargalhada é um mistério que não pode ser polarizada entre alegria e tristeza. Essa gargalhada carrega um legado. Essa gargalhada é uma flecha para o futuro. E eu trouxe isso para o filme, a gargalhada dela não está inserida em contextos de felicidade. É muito mais complexo que isso.

3. Quais foram os principais desafios e aprendizados ao trabalhar com um elenco tão reduzido, composto apenas por duas protagonistas?

O filme trata de um assunto muito denso e se passa, grande parte, no consultório. Então a decupagem teve de ser pensada para dar um certo ritmo e fazer com que quem assiste, embarque naquele consultório. Nossa preparação envolveu priorizar a relação das atrizes com a história, e elas mergulharam muito. Sophie trouxe coisas da própria família, da avó, enquanto Gabriela também teve muitas associações com a sua vida. O principal desafio foi dar conta da linguagem da dramaturgia que já trazia a proposta de um texto mais teatral, gravamos cenas em estúdio, de um aspecto mais lúdico. E montar isso com uma linguagem documental misturada com uma ficção, um drama. Deu certo!

Sobre Sophie Charlotte | Adelaide Koch

1. Sophie, como foi o processo de entrar na pele de Adelaide, especialmente considerando sua própria experiência como alemã?

Foi um processo muito profundo, em vários sentidos. A aproximação com a história de Adelaide, o entendimento do contexto histórico e do contexto cultural dessa mulher, o encontro com outra língua e outra cultura. E junto a todos esses pontos, tão fortes e próximos a minha própria formação cultural linguística, as questões psicanalíticas que o filme aborda foram um deleite, um mergulho profundo como atriz e como mulher. Sou absolutamente grata ao Jorge, Yasmin e Gabriela pela nossa jornada com o nosso filme.

2. Quais foram os maiores desafios em atuar em um filme tão focado em diálogos íntimos entre duas personagens?

Justamente! É um roteiro tão íntimo e interessante. Cada palavra está ali porque precisa, porque ilumina conceitos, constrói a narrativa e os universos ocultos de cada uma das partes dessas mulheres. O desafio foi estar à altura da missão, estar presente verdadeiramente. Estudamos muito juntos para isso. Acredito que nosso mês de ensaios foi fundamental para a construção dessa profundidade. Trocamos referências, pesquisas, músicas. E as filmagens em Porto Alegre, com a equipe totalmente alinhada com o propósito desse projeto, tudo isso constitui um filme repleto de afeto e força.

3. Você toca piano em algumas cenas do filme. Como essa habilidade influenciou sua conexão com a personagem?

Nosso filme me deu duas oportunidades de homenagear minha avó materna. No sotaque forte alemão, que não consegue absorver alguns sons do português brasileiro, e nem perde sons guturais do alemão; e no piano, que minha avó também tocava. Acredito que a música é um caminho de cura, de experiência e de conexão tão forte, e poder colocar isso mesmo que brevemente no filme foi emocionante. Eu não toco piano, mas aprendi as músicas do filme para poder estar inteira nas cenas.

4. O que mais a intrigou na história de Adelaide e como você buscou trazer isso para a tela?

A história desse encontro entre Virgínia e Adelaide é fascinante, precisa ser conhecida pelo maior número de pessoas. São duas mulheres incríveis que compõem nossa história. Falar de psicanálise, afeto, ciência, cultura, língua e história - de duas mulheres! Tudo isso me interessa muito. Nosso filme foi um presente na minha vida.

Sobre Gabriela Correa | Virgínia Bicudo

Gabriela Correa é atriz e cantora de teatro e cinema. Estreou o musical *Eu Vou Tirar Você Deste Lugar* – As canções de Odair José, com direção de Sergio Maggio, em 2014 e, com Maggio, participaria de outros dois trabalhos: *Duas Gotas de Lágrimas num Frasco de Perfume* e *L - O Musical*. Entre diversas produções teatrais da cidade, integrou também a Agrupação Teatral Amacaca (ATA), coletivo de artistas liderado por Hugo Rodas. Atuou nas peças do repertório do grupo, como *Punaré* e *Baraúna*, *Salimbancos* e *O Rinoceronte*. No audiovisual atuou em nove curtas e seis longas, tendo também se dedicado à dublagem e locução. No streaming, participou da segunda temporada da série *Bom dia, Verônica*. Entre 2020 e 2023, atuou nos longas *O Pastor* e *o Guerrilheiro*, *Amado*, *Viola do Diabo* e *Cartório das Almas* (com estreia nesta edição de 2023 do Festival de Brasília do Cinema Brasileiro). Atualmente se dedica às filmagens do longa *Virgínia e Adelaide*, dirigido por Yasmin Thayná e Jorge Furtado.

1. Gabriela, como foi o processo de preparação para dar vida a uma personagem histórica tão complexa como Virgínia Bicudo?

Assim que fui confirmada no elenco, a gente começou a ter encontros semanais para ler e falar sobre as cenas, sobre ideias, planejamento. A gente se reunia remotamente porque estávamos espalhados entre Rio, São Paulo e Porto Alegre e tivemos encontros presenciais mesmo só dias antes de filmar. Então eu confiei muito na vasta pesquisa que o Jorge e a Yasmin tinham feito, tinha muito material. Tive acesso à tese da Janaína Damasceno, que acabou sendo meu norte na hora de entender mais sobre a história da Virgínia, a relevância da pesquisa dela, e a cronologia de tudo.

2. Quais foram as maiores dificuldades em interpretar uma personagem que, apesar de documentada, ainda possui poucos registros audiovisuais?

Eu tive acesso a muitos registros fotográficos dela, ainda bem. O Jorge também encontrou um episódio do programa de rádio que ela produziu, e aí eu pude ouvir a voz dela! Isso só

aconteceu pertinho de começarmos a filmar, então foi ótimo. Mas realmente, contei muito com a minha imaginação de como ela seria de acordo com o que pesquisei, com o que li, com o que pessoas que a conheceram falavam. O recorte da época que ela viveu, como era o comportamento da época, tudo isso ajudou muito também. É difícil pensar em interpretar uma pessoa que já esteve aqui, que tinha seu jeito de falar, de andar, de existir. Então eu tentava abstrair um pouco e me soltar.

3. Como você se sentiu ao descobrir que Virgínia foi a primeira psicanalista do Brasil e da América do Sul?

Eu fiquei impactada porque isso é um marco muito importante e eu não sabia. Acho que assim como eu, muita gente não sabe nem imagina que a primeira psicanalista do Brasil foi uma mulher negra. Isso mostra o quanto sua vida e obra foram invisibilizadas. E esse apagamento é recorrente na história do Brasil, infelizmente. A carreira da Virgínia tem um aspecto inaugural em vários aspectos porque ela foi uma das primeiras mestres em Sociologia em São Paulo, integrou uma geração pioneira de mulheres que foram trabalhar fora, uma das primeiras professoras universitárias negras do Brasil, pioneira na reflexão das relações raciais...ela realmente foi muito visionária.

4. De que maneira a pesquisa de Virgínia sobre raça, colorismo e ascensão social influenciou sua interpretação da personagem?

Esse era um ponto-chave para mim porque eu senti que ela, assim como eu, soube o que é transitar em espaços majoritariamente brancos, e questionar afinal o que ela era, onde ela se encaixava, suas origens, uma vez que ela descendia de pai negro e mãe branca. Esse não lugar, a violência da vergonha e do não-pertencimento, do auto ódio, tudo isso é algo que experimentei em alguma medida na minha vida. A Virgínia começou a falar em temas que hoje conhecemos como colorismo, consciência e letramento racial, tudo isso numa época em que se queria propagar a ideia da democracia racial, de que nosso processo de miscigenação foi pacífico, e que todos eram iguais. Foi muito sensível fazer as cenas de análise em que a Virgínia relata sobre os episódios de racismo vividos por ela na escola e no ambiente acadêmico, e também o seu desejo de alisar os cabelos, de disfarçar sua pobreza. Isso tudo é muito violento com a nossa autoestima, com nosso senso de autovalor.

5. Como foi a dinâmica entre você e Sophie durante as gravações, considerando que o filme se concentra apenas em vocês duas?

A Sophie é realmente fantástica, é uma atriz muito generosa, inteligente e muito experiente também, né? Eu gostava de observá-la no set, entre os takes, vê-la trabalhar mesmo porque eu admiro muito a postura dela. Eu já filmei muita coisa, principalmente no circuito de cinema independente, mas nunca estive em cena dessa forma, só eu e outra atriz. Então quando me vi dividindo a tela com uma atriz como ela, eu fiquei nervosa, no início. Bate uma insegurança, sei lá. Mas desde a primeira vez que lemos o roteiro juntas, eu me senti muito à vontade e tudo só foi ficando mais leve.

6. Como você acredita que a história de Virgínia Bicudo pode impactar as audiências atuais? O que você espera que o público leve consigo após assistir ao filme?

Eu acho que vai ser um movimento muito lindo poder colocar a história dessas duas mulheres em foco, apresentá-las ao público como as figuras importantes e visionárias que foram. As pessoas querem conhecer essas histórias, querem saber, querem se inspirar. Acho que esse filme além de emocionar o público, é claro, vai também ser muito importante para levantar a discussão sobre racismo, saúde mental e acesso à psicoterapia.